

## **O TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA: DESPERTANDO O PRAZER DA LEITURA**

*Aline de Azevedo Gaignoux (UERJ)*  
[alinegaignoux@yahoo.com.br](mailto:alinegaignoux@yahoo.com.br)

### **1. Introdução**

Nós, professores de língua portuguesa, temos uma tarefa difícil: somos os responsáveis pela formação de alunos leitores. Precisamos ensinar a gramática de nossa língua, ensinar a produzir textos orais e escritos e, além de tudo isso, despertar o prazer da leitura em nossos alunos.

Realmente, nossa tarefa não é simples, principalmente porque toda a responsabilidade do ensino de leitura e escrita é vinculada ao professor de língua portuguesa. Como se nas outras disciplinas a leitura e a escrita não fossem de crucial importância...

Dentre todas as atribuições, a mais complexa, sem dúvida, é aquela que visa a despertar o prazer da leitura, ao qual Pennac (1993) chama de fruição do alquimista: aprender a ler é descobrir a pedra filosofal. Como mostrar ao aluno o caminho para “a descoberta da pedra filosofal”?

Será que os livros didáticos e os livros extraclasse escolhidos pelo professor são suficientes para a formação do leitor? Ao que tudo indica, não. É necessário mais. É necessário elaborar um projeto de leitura no qual a fruição seja o principal objetivo.

Sabemos, contudo, que nem sempre é possível realizar projetos criativos em algumas escolas. Muitos professores esbarram em fichas de leitura, prova do livro, entre outras imposições impostas pela coordenação. Nem sempre há espaço para liberdade, apesar de ela ser essencial na prática de leitura. Principalmente a liberdade para escolher o que ler.

Pensando em todas essas questões e na minha prática docente com turmas do 8º ano e 9º ano do fundamental II, elaborei um projeto de leitura no qual, mesmo seguindo algumas exigências da coordenação da escola, a liberdade de escolha se faz presente.

Nesse artigo, apresento essa proposta, na qual relaciono leitura com produção textual escrita e oral e as escolhas dos discentes são acolhidas.

Antes de apresentar o projeto, será feita uma breve reflexão sobre o que define um texto como literário e sobre o seu papel na sala de aula.

## 2. *O texto literário na sala de aula*

A escola é o ambiente natural em que os alunos mergulham no mundo das linguagens escritas, é o espaço onde os estudantes devem ter contato com diferentes textos de gêneros variados. Contudo, como esse “mergulho” deve acontecer? De que forma a escola pode ampliar o contato do aluno com as diversas manifestações culturais escritas de nossa sociedade? De acordo com Antunes (2009), esse processo deve ocorrer: pelo estímulo a uma cultura do livro, pela fartura de um bom e diversificado material de leitura, pelo acesso fácil e bem orientado a esse material, pela diversidade de objetivos de leitura, pela frequência de atividades de ler e de analisar materiais escritos, pela formação do gosto estético na convivência com a literatura.

A leitura, nessa perspectiva, é um projeto social inadiável, uma conquista possível. Uma competência em permanente construção, uma porta de entrada para novos mundos. É, pois, um caminho para verdadeira inserção na sociedade, e o texto literário é um dos principais aliados nessa conquista.

A importância do trabalho com a literatura na sala de aula é ressaltada pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (2001, p. 36-37)

Mas, afinal, o que distingue o texto literário do texto não literário?

Embora esse assunto já tenha sido objeto das mais diversas discussões, não há respostas definitivas quanto a ele. É possível, no entanto, apresentar critérios mais frequentemente utilizados para caracterizar o texto literário.

Savioli & Fiorin (2006, p. 359) lembram que “é preciso descartar qualquer critério que se fundamente no tema abordado pelo texto”, uma vez que não há conteúdos exclusivos da literatura nem contrários a seu domínio. Na verdade, o que ocorre é o predomínio de determinados te-

mas em certas épocas. Há períodos em que os textos literários privilegiavam certos temas e uma determinada maneira de figurativizá-los.

Para os autores, a diferença está no fato de que o texto literário tem uma função estética, enquanto o texto não literário tem uma função utilitária (informar, convencer, explicar, responder, ordenar etc.). Essa distinção explicita a primeira característica do texto literário: a relevância do plano da expressão, que, nele, serve não apenas para veicular conteúdos, mas para criá-los em sua organização. Assim,

Quem escreve um texto literário não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de forma que, nele, importa não só o que se diz, mas também o modo como se diz. A mensagem literária é autocentrada, isto é, o autor procura recriar certos conteúdos na organização da expressão. Múltiplos recursos são usados para isso: ritmos, sonoridades, distribuição de sequências por oposições e simetrias, repetição de palavras ou de sons (rimas) etc. (SAVIOLI & FIORIN, 2006, p. 361)

Outro aspecto importante diz respeito à ideia frequente em relação à intangibilidade do texto literário, isto é, sua intocabilidade. Ao contrário do texto literário, o não literário pode ser resumido sem perder o essencial do texto. Quando se resume um poema ou um romance, perdem eles todo o encanto, visto que a relevância desse tipo de texto está no plano da expressão.

Outra característica importante é o aspecto conotativo do texto literário, ou seja, a criação de novos significados, enquanto o texto não literário aspira à denotação, aquele com função estética busca a conotação. O texto com função utilitária busca, portanto, ter um único significado, enquanto a linguagem em função estética é plurissignificativa.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* apresentam uma importante observação sobre o texto literário:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea). (2001, p. 37)

De acordo com essa orientação, a questão do ensino da leitura literária envolve o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita: o estético. Cabe, portanto, à escola formar leitores capazes de reconhecer

as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Essa visão sobre a importância do texto literário na escola suscita práticas de sala de aula voltadas para o letramento dos alunos de modo a ampliar as competências mais significativas para as atividades sociais, interativas e de encantamento (atividades de fala, escuta, leitura, escrita, análise).

Nessa prática, portanto, a produção literária teria um lugar de destaque: seria uma forma de vivenciar o gosto pela apropriação dos bens simbólicos e estéticos que constituem o patrimônio nacional, uma vez que, pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo.

Sobre esse aspecto, Antunes (2009) ressalta que

*A leitura é uma espécie de porta de entrada; isto é, é uma via de acesso à palavra que se tornou pública e, assim, representa a oportunidade de sair do domínio do privado e de ultrapassar o mundo da interação face a face. É uma experiência de partilhamento, uma experiência de encontro com a alteridade, onde, paradoxalmente, se dá a legítima afirmação do eu.* (ANTUNES, 2009, p. 195)

Ler é, pois, vital, também, na educação do indivíduo para a afetividade, o apuro da sensibilidade artística e do gosto estético.

Em vista disso, o cuidado por desenvolver uma competência de leitura dos gêneros textuais que mais constantemente circulam na sociedade (como e-mails, avisos, anúncios etc.) não deve enfraquecer o empenho em promover o convívio com diferentes gêneros literários.

A partir das reflexões expostas, conclui-se ser inegável a importância do texto literário na escola. Formar leitores e desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem de priorizar. Entretanto, essa não é uma tarefa fácil. Surge, então, uma pergunta crucial para essa prática: como despertar o prazer da leitura no aluno?

É fato que não se nasce com gosto pela leitura, do mesmo modo que não se nasce com o gosto por coisa nenhuma. O ato de ler não é, por conseguinte, uma habilidade inata. Se isso é verdadeiro para a leitura de textos não literários, também o é para a leitura de “fruição do belo”, que ultrapassa os interesses imediatos das exigências sociais e profissionais.

O prazer que o texto literário pode proporcionar é apreendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivenciando.

Nessa tarefa, o papel do professor é fundamental, na medida em que é ele que, concretamente, dá visibilidade ao ato de ler. É o professor que apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, comenta sobre ele, informa sobre os autores, sobre novas publicações; enfim, aquele que transita pelo mundo das páginas, evidenciando sua experiência de leitor.

O professor é, dessa forma, o mediador, entre o aluno leitor e o autor do livro, por isso ele deve ser também um leitor. A afinidade entre o professor e a leitura favorece a mediação. Dificilmente um aluno será seduzido pelo discurso de alguém sem relação estreita com o texto e que não experimentou e degustou o produto ofertado. É quase impossível que o desejo de ler um livro possa ser despertado por uma pessoa que não o haja lido.

Para formar um leitor, é primordial que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação, relação iniciada a partir da ligação que professor estabelece com o texto apresentado ao aluno. Elogiar o livro não é, todavia, suficiente para convencer os estudantes de que ler é bom e útil, a intenção pode ser válida, mas a teoria sem experiência não resolve. Os alunos precisam entender a leitura como atividade interessante e motivadora, o que se realiza na escola, pela apresentação de textos que despertem sua atenção; pela oferta de livros que, inicialmente, tratem de seus interesses, se aproximem de sua linguagem. Posteriormente, no processo de amadurecimento do leitor, outras leituras vão surgindo, aumentando, aos poucos, o grau de complexidade e a postura crítica exigida perante o texto.

O leitor maduro se constrói por meio das diversas leituras que são feitas ao longo da vida. E esse processo deve começar na escola, visto que

A qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende – e muito – de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade. Parece-me que deveremos – enquanto professores – propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com o texto esteja aquém daquela que almejaríamos: afinal, quem é o leitor, ele ou nós? (GERALDI, 2008, p. 99)

É imprescindível que o docente considere os passos e a caminhada do aluno enquanto leitor (que se faz pelas suas leituras, do mesmo modo que nos fazemos leitores por nossas leituras). Nessa caminhada é essencial considerar que “o enredo enreda o leitor” (GERALDI, 2008, p. 110), ou seja, a escolha dos textos a serem lidos é um aspecto crucial para o trabalho com a leitura na escola.

Tal escolha demanda cuidado e requer criação de estratégias que levem o aluno a se sentir seduzido pelo texto. É preciso ir além do que oferecem os livros didáticos, nos quais é comum haver fragmentos ou adaptações de textos que perdem a essência da obra. São muitos os livros didáticos que se limitam também a questões cujo objetivo é verificar uma leitura superficial.

É importante lembrar que, fora dos limites da escola, a leitura não precisa ser comprovada ou avaliada, ou seja, é possível ler pelo simples fato de sentir vontade de fazê-lo. Na escola, porém, ela quase nunca se realiza por prazer, por espontaneidade; ao contrário, faz parte de um conjunto de tarefas que resultam em avaliação, sob a forma de seminários, provas ou questionários. A avaliação da leitura faz parte da escolarização – processo inevitável, uma vez que, para levar qualquer saber à escola, é preciso formalizá-lo por meio de projetos e disciplinas. Contudo, ela não pode ser a finalidade principal do ato de ler.

É necessário que o professor quebre algumas barreiras e, primeiramente, compartilhe o universo que o aluno conhece e por ele se interessa. Desprezar tais leituras é afastar-se ainda mais do jovem, dificultando o trabalho com a formação literária desse leitor.

O professor não pode esquecer que, conforme ensina Pennac (1993, p. 22), um romance conta antes de tudo uma história, portanto deve ser lido como um romance: “saciando primeiro nossa ânsia por narrativas.”

Recuperar na escola e desenvolver dentro do seu espaço o prazer da literatura é o ponto essencial para o sucesso de qualquer esforço de incentivo à leitura.

Cabe ressaltar que, em todas as atividades voltadas para a formação de leitores, não se pode perder de vista a importância da criteriosa seleção dos textos e da prática de leitura em voz alta pelo professor. Como já foi dito, “o enredo enreda o leitor”, e a forma de narrar também desperta a vontade de conhecer uma história.

É fato também que desenvolver o hábito da leitura prazerosa coloca o aluno em contato com a língua padrão, o que será benéfico para a aquisição do dialeto culto, prestigioso socialmente.

Ler textos literários possibilita ao leitor o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza. O texto literário não pode, portanto, ficar fora da escola, principalmente das aulas de língua portuguesa. O professor deve entender a leitura como prática intrínseca à sala de aula.

A presente pesquisa sugere como um dos caminhos para a formação de leitores o circuito do livro. Nesse circuito, cada aluno escolherá o livro que irá ler e, depois da leitura, o apresentará para a turma, possibilitando a troca de livros entre os estudantes. A escolha do livro deve ser livre. Os alunos terão o direito de escolher o que irão ler e também terão o direito de mudar de livro ao longo do trabalho.

Nesse circuito, adota-se um sistema de rodízios entre os alunos, de tal forma que cada aluno, ao terminar sua leitura, sempre tem a possibilidade de trocar o livro por outro. A cada troca, registra-se o novo livro que o aluno escolheu ler.

O objetivo desse circuito entre os alunos é deixar que os alunos leiam livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título etc. O objetivo será ler por ler, gratuitamente. E o gratuitamente aqui não quer dizer que tal leitura não tenha um resultado.

A principal tese defendida aqui é que se aprende a ler lendo. Nesse sentido a quantidade é o caminho para a qualidade, pois, como afirma Geraldi (2008):

Não cremos que haja leitura qualitativa no leitor de um livro só. Escolhemos um caminho que, respeitando os passos do aluno, permite que a quantidade gere qualidade, não pela mera quantidade de livros lidos, mas pela experiência de liberdade de ler utilizando-se de sua vivência para a compreensão do que lê. (GERALDI, 2008, p. 112)

Além do circuito do livro outras estratégias podem e devem ser criadas. É válido lembrar que a leitura de um mesmo livro pelos alunos também é importante, pois possibilita discussão e reflexão.

O próximo capítulo apresentará detalhadamente o projeto voltado para o circuito do livro.

### 3. O projeto

A escolha do livro extraclasse, geralmente, segue o ritual de encomenda, compra, leitura e trabalho com os livros na escola. Há um tempo para seleção e indicação das obras, um prazo para a compra, um prazo para a leitura e uma data para entrega da produção disso tudo – esta última, aliás, determina toda a cadeia anterior. Mas, muitas vezes, não há um tempo para ouvir os alunos, para discutir suas escolhas e preferências.

Sugerimos a amigos livros de que fomos leitores entusiasmados, na expectativa de que eles gostem tanto quanto nós. Da mesma forma, procuramos levar em conta os interesses, o desenvolvimento intelectual ou as experiências de vida e leitura das crianças, concretas, às quais damos livros de presente, por exemplo. Esses aspectos devem ser relevantes na sala de aula. Além do livro escolhido pelo professor, que também é importante, haveria, assim, espaço para as escolhas dos alunos.

Esse parece ser um caminho produtivo para recuperar na escola, e trazer para dentro dela, o prazer, ponto básico para o sucesso de qualquer esforço efetivo de “incentivo à leitura” e, para tanto, segundo Geraldí (2008, p. 98), é necessário recuperar da nossa vivência de leitores três princípios:

- **O caminho do leitor:**

nossa história de leitores não começou pelo “monumento literário”. O primeiro livro não foi o de ontem ou aquele sobre que ouvimos uma conferência na semana passada. O respeito pelos passos e pela caminhada do aluno enquanto leitor (que se faz pelas suas leituras, como nos fazemos leitores por nossas leituras) é essencial. Nessa caminhada é importante considerar que o enredo enreda o leitor.

- **O circuito do livro:**

que livro estamos lendo hoje? Provavelmente aquele de que falou um amigo, que já o leu, ou aquele sobre o qual lemos uma resenha etc. Isto é, lemos os livros de que tivemos notícias, dependendo de quem foi nosso informante. Parece-me que os livros fazem, fora da escola, um circuito que passa por relações de vários tipos mantidas com diferentes pessoas. Nenhum não profissional da linguagem lê um romance, por exemplo, por obrigação. Parece que a saída prática do professor de língua portuguesa é criar esse mesmo circuito entre seus alunos, deixando-

os ler livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título etc. No microcosmo da sala de aula é possível criar esse mesmo circuito, e talvez não sejamos nós, professores, os melhores informantes para nossos alunos. Rodízios de livros entre alunos, bibliotecas de sala de alunos, biblioteca escolar, frequência a bibliotecas públicas são algumas das formas para iniciar esse circuito.

- **Não há leitura qualitativa no leitor de um livro:** a qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende – e muito – de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade.

Como afirma Pennac (1993, p. 13), “o verbo ler não suporta imperativo”. Segundo esse autor, nos concedemos todos os direitos, a começar pelos que recusamos “a essa gente jovem que pretendemos iniciar na leitura”. Dentre esses direitos, evidenciados por Pennac, resalto alguns relevantes para o projeto que está sendo apresentado: o direito de pular páginas, o direito de reler, e o direito de ler qualquer coisa. Exatamente isso, ler qualquer coisa, escolher o livro que lhe interessa, mesmo que seja um livro de autoajuda, mesmo que não seja um clássico da literatura. Até chegar aos clássicos, haverá um caminho a percorrer, um caminho de amadurecimento como leitor.

O direito de não ler e o direito de calar não são aceitos na maioria das escolas. É preciso escolher um livro que os alunos lerão para realizar uma avaliação. Mas é possível criar uma “margem de manobra”. Foi o que pensei ao elaborar esse projeto, que não é a solução para toda a questão da leitura na escola, mas um caminho possível.

Acordei com a coordenação da minha escola que escolheria um livro e os alunos escolheriam o outro. Ou seja, a cada trimestre, eles leriam dois livros: um escolhido por mim e outro de *livre escolha*. Livre mesmo, pois poderiam escolher qualquer livro.

A coordenação disse que aceitaria a proposta desde que eu “amarasse” bem a avaliação desse livro de livre escolha. Não era bem o que eu queria. Na verdade, minha ideia original era que lessem apenas por ler. Gratuitamente. E depois comentassem com os amigos da turma sobre as leituras. Mas isso não foi possível. Reformulei a proposta. Resolvi, então, unir leitura e produção textual, oral e escrita.

O projeto foi dividido nas seguintes etapas:

- 1) escolha do livro – há um prazo para que definam qual livro irão ler;
- 2) tempo para leitura do livro – nesse tempo podem modificar o livro escolhido;
- 3) apresentação oral do livro para a turma – etapa muito importante porque, a partir dessa apresentação, ocorre o circuito do livro: a indicação de um aluno pode ser o livro que outro lerá no próximo trimestre, ou seja, possibilitará o rodízio de livros;
- 4) produção escrita sobre o livro – vários gêneros podem ser utilizados: carta, resumo, resenha etc.

A etapa 3 é um momento para o trabalho com a modalidade oral da língua, muitas vezes esquecida na sala de aula. A etapa 4 permite o trabalho com diferentes gêneros e suas respectivas características. Como os alunos estão falando e escrevendo sobre livros que escolheram para ler, apresentam mais facilidade para se expressar. Pode comprovar isso nas apresentações e nas produções escritas. É claro que não há uma fórmula mágica, é preciso fazer intervenções para que o processo apresente evolução, mas, com certeza, falar e escrever sobre algo que lhe deu prazer é muito mais fácil.

A recepção do projeto pelos alunos foi muito boa. Apesar do estranhamento inicial (“Posso ler qualquer coisa mesmo, professora? Até ‘Diário de um banana’?”), os estudantes gostaram da ideia e ficaram bastante empolgados com a possibilidade de escolher o livro.

Inicie esse projeto em 2012. Desde então tenho presenciado os resultados positivos dessa prática e o principal objetivo parece estar sendo alcançado: a formação de leitores. Alunos que afirmavam categoricamente que odiavam ler já disseram, em apresentações do livro escolhido, frases como: “Adorei esse livro”, “Não conseguia parar de ler”. Escutar essas declarações, realmente, emociona, pois nada mais é do que o prazer da leitura acontecendo, a descoberta da pedra filosofal se tornando possível...

É claro que ainda há aqueles que não demonstram tanto interesse, mas estamos no caminho. A formação do leitor é um processo.

Os livros escolhidos variam de “*A Volta ao Mundo em 80 Dias*”, “*A Revolução dos Bichos*” a “*Diário de um Banana*”. Não há problema.

A escolha é livre. Eles têm o direito de ler o que quiserem. Estamos em um processo de amadurecimento, um processo de formação de leitores.

#### **4. Considerações finais**

Uma das angústias de minha prática em sala de aula sempre foi a escolha do livro extraclasse. Leciono em turmas de 8º e 9º ano do fundamental II, os alunos dessa faixa etária não têm ainda maturidade para ler clássicos da literatura como “Dom casmurro”, “O cortiço” etc. Ao escolher um livro para esses estudantes, é preciso selecionar obras que despertem a atenção deles, que falem sobre assuntos de seus interesses. Nem sempre é fácil realizar essa tarefa, é praticamente impossível agradar a todos.

O circuito do livro foi uma forma que encontrei de suavizar essa árdua tarefa de determinar a leitura dos alunos. Continuo selecionando criteriosamente alguns livros para o trabalho em sala de aula (o primeiro livro de cada trimestre, conforme expliquei no capítulo anterior), mas também dou a palavra para os alunos, dou o direito de escolher, a partir de suas vivências, o que desejam ler.

Desenvolver prazerosamente o hábito da leitura põe o aluno em contato com a língua padrão, o que será benéfico para a aquisição do dialeto culto, prestigioso socialmente.

É importante destacar que o contato da maioria dos alunos com textos literários visaria prioritariamente a fazer deles leitores, não necessariamente autores. Uns poucos, excepcionalmente motivados para a produção literária e que revelassem aptidão para essa atividade, seriam estimulados a desenvolver seu potencial criativo. Mas, com certeza, a leitura será poderosa aliada na evolução da produção escrita dos alunos, o que será fundamental para sua formação como cidadão.

O projeto do circuito do livro tem se mostrado um caminho produtivo para o objetivo maior: formar verdadeiros leitores e, conseqüentemente, possibilitar o ingresso efetivo na sociedade, uma vez que a leitura e a escrita são condições *sine qua non* para participação social legítima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PENNAC, D. *Como um romance*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.